

## VIII Conferência Nacional da ABR em Gramado

Realizou-se, durante a Jornada Cone Sul de Reumatologia, no dia 21 de Outubro de 2005, a VIII Conferência Nacional da ABR, em Gramado, que trouxe uma grande pauta de atividades:

Foram homenageados, com placas, os pioneiros da Reumatologia Brasileira de várias regiões, passando a acadêmicos eméritos: Prof. Acir Rachid (cadeira 28), do Paraná, Prof. Wilson Francisco Lapa (cadeira 39) e Prof. Luciano Fracasso (cadeira 32), ambos do Rio Grande do Sul, Prof. Hilton Seda (cadeira 21), do Rio de Janeiro, Prof. Aloysio João Fellet (cadeira 27), de Minas Gerais, Prof. Geraldo Gomes de Freitas (cadeira 30) de Pernambuco, Lipe Goldenstein (cadeira 17), da Bahia e Prof. Adil M. Samara (cadeira 31), de São Paulo. Todos receberam um belíssimo troféu elogiado pela sua beleza e os dizeres gravados.

Tomaram posse 8 novos acadêmicos titulares, os quais estavam preenchendo vagas ou porque os ocupantes anteriores passaram a eméritos. Foram empossados Geraldo da Rocha Castelar Pinheiro (cadeira 21), do Rio de Janeiro, Gilson Kohler (cadeira 22), do Espírito Santo, Blanca Rios Bica (cadeira 25), do Rio de Janeiro, Elizabeth Andrade Tavares (cadeira 32), do Rio Grande do Sul, Fernando de Souza Cavalcante (cadeira 30), de Pernambuco, Lauredo Ventura Bandeira (cadeira 39), de São Paulo, Guilherme Pereira Santos (cadeira 45), do Rio de Janeiro e Fernando Antonio Gameleira Soares (cadeira 38), de Alagoas, que não esteve presente.

O Dr. Acadêmico Evandro Vieira César (cadeira 3) recebeu a Comenda "Mérito Médico" conferida pela Associação Médica da Paraíba por ocasião das comemorações do Dia do Médico de 2005.

O Prof. Wilson Francisco Lapa, proferiu, a seguir, a Tertúlia acadêmica sobre o Pé e sua evolução (veja resumo na pág.7).

Com o apoio do Laboratório Bristol Meyers Squibb e do amigo Celso de Siqueira Júlio foi realizado o tradicional chá de confraternização da Academia, com a presença de amigos, familiares e do presidente da Jornada, Fernando Neubarth.



Dr. Wilson Lapa e Dr. Luciano Fracasso

Da esquerda para a direita: Geraldo da Rocha Castelar Pinheiro, Gilson Kohler, Blanca Rios Bica, Elizabeth Andrade Tavares, Fernando de Souza Cavalcante, Lauredo Ventura Bandeira e Guilherme Pereira Santos



## DIRETORIA BIÊNIO 2005-2006

## PRESIDENTE

Geraldo Gomes de Freitas

## 1º VICE - PRESIDENTE

Antônio Carlos Ximenes

## 2º VICE - PRESIDENTE

Walber Pinto Vieira

## 3º VICE - PRESIDENTE

Elizia Fernandes Lima

## 4º VICE - PRESIDENTE

João Francisco Marques Neto

## SECRETÁRIO GERAL

Eliezer Rushansky

## 1º SECRETÁRIO

José Francisco Conte

## TESOUREIRO

Geraldo Emmanuel Furtado

## DIRETOR CIENTÍFICO/EVENTOS

Aloysio João Fellet

## CONSELHO DELIBERATIVO

## MEMBROS DA DIRETORIA

## EX - PRESIDENTES

Roberto Carneiro

Aloysio Fellet

Rubem Lederman

Geraldo W. S. Gonçalves

Ueliton Vianna

Lipe Goldenstein

Adil Muhib Samara

## MEMBROS CONSELHEIROS

Geraldo Gonçalves

Joaquim Nava Ribeiro

Aquiles de Almeida Cruz Filho

Hilton Seda

Caio Moreira

## BOLETIM ACADÊMICO

## CONSELHO EDITORIAL

José Knoplich

Roberto Carneiro

Lauredo Ventura Bandeira

## SITE DA ACADEMIA

<http://www.academiareumatol.com.br>

## SEDE PROVISÓRIA

Rua das Ninfas, 84

Boa Vista – CEP 50070-050

Recife – PE

Tels/Fax: (81) 3222-1296



BOLETIM  
DA ACADEMIA  
BRASILEIRA  
DE REUMATOLOGIA

Editado Pela Medgraf  
(11) 3826-7805

# A Academia Brasileira de Reumatologia renovada

Prof. Dr Geraldo Gomes de Freitas - Presidente e Prof. Dr Aloysio J. Fellet - Diretor de Eventos

A Academia Francesa foi fundada em 1635. A Academia Nacional de Medicina em 1835 e a Academia Brasileira de Reumatologia foi fundada por Caio Nunes Vilela, em 1981. Periodicamente, as academias sofrem uma alteração, em suas estruturas, que se dão em função de muitos dados e circunstâncias históricas.

As duas primeiras academias foram criadas pelo poder público e têm funções e recursos econômicos bem definidos. A Academia Brasileira de Reumatologia, a partir da gestão de Lipe Goldenstein, definiu a sua função, em memorável reunião, realizada em Salvador. Ficou bem definido que a ABR não é uma entidade científica, nem propugna pelos interesses da atividade profissional do exercício da especialidade de seus membros, sendo que essa é a função da Sociedade

mente porque quase não tem recursos, já que grande parte dos Acadêmicos não pagam as suas anuidades e também não frequentam as reuniões. Na gestão de Lipe foi publicado, inclusive, os Anais da ABR, graças a uma colaboração governamental baiana. Nessa gestão também começaram as atividades de Tertúlias Culturais, ao invés das atividades científicas. O Boletim da ABR passou a refletir todas essas preocupações culturais dando suporte nos intervalos das reuniões, lançando mais temas de reflexão do que artigos, pois, o espaço do editorial é pequeno.

Depois, Adil M. Samara enveredou pela senda da preocupação com a Reforma Universitária e o conteúdo do ensino da especialidade. Também em memorável Assembléia, realizada no Rio, passou o cargo a Geraldo Gomes de Freitas, que é, em si, uma memória viva da especialidade no Brasil.

Todos esses eventos foram acompanhados pelo sempre animado Aloysio Fellet. O presidente Samara não quis preencher os cargos vagos dentro da Academia, mas, a nova gestão Freitas e Fellet realizou uma renovação total. Incluíram 8 novos acadêmicos fazendo inúmeras homenagens.

Transformaram, segundo os estatutos, os sócios titulares em acadêmicos eméritos abrindo mais vagas. Essas foram distribuídas por diversos estados, na Assembléia de Gramado. A Academia Brasileira de Reumatologia, aos 24 anos de existência, passa por um processo de total renovação es-

perando que os novos acadêmicos mais jovens tragam mais luzes, transformando a ABR numa nova dimensão histórica, com grande dinamismo, próprio do século 21.

Vamos para o próximo Congresso Brasileiro, em Campinas – 2006, comemorar nossos 25 anos. Ainda temos vagas a serem ocupadas. Ocupemos com acadêmicos vibrantes e capazes de fazer da ABR uma força viva na Reumatologia Brasileira.



Prof. Dr Aloysio J. Fellet e Dr Geraldo Gomes de Freitas

Brasileira de Reumatologia. A ABR deve se interessar em aperfeiçoar o nível de ensino da especialidade e da Medicina, no Brasil, cuidar da memória da reumatologia, cuidar dos termos da língua portuguesa na designação das enfermidades reumatológicas.

Essas atividades são fáceis de definir, mas, difíceis de realizar, pois a Academia Brasileira de Reumatologia não tem muitos poderes, principal-

## Um Feliz Natal!

## Um Feliz e Próspero Ano Novo!

## Revalidação do título de especialista

É notório que o conhecimento médico cresce vertiginosamente. Nos últimos vinte anos, esse crescimento aumentou sete vezes. A Associação Médica Brasileira (AMB) e o Conselho Federal de Medicina (CFM) com a publicação da Resolução 1755/04, no Diário Oficial da União, em 14 de dezembro de 2004, regulamentaram a atualização médica. A resolução estabelece que todos os profissionais devem, obrigatoriamente, passar pelo processo de revalidação a cada cinco anos. A principal finalidade dessa Resolução é criar o hábito do estudo contínuo. Esse estudo será baseado em sistemas de créditos acumulativos, ao longo de cinco anos. Tendo atingido a pontuação mínima, o título estará automaticamente revalidado. Para obtenção dos créditos é necessária a participação em cursos, simpósios e congressos, ou realização de trabalhos científicos. O comparecimento a pelo menos um congresso nacional na especialidade médica, anualmente, dá ao profissional chance de somar a maioria dos pontos necessários para revalidação do título ao final de cinco anos.

A Comissão Nacional de Acreditação (CNA) é que normatizará as atividades que permitirão a acumulação de créditos, o que já começou em janeiro de 2005. Existe, porém, uma data-limite (até 31 de março de 2006) para envio de programas pelas entidades científicas que darão créditos no 2º Semestre de 2006 e serão analisadas pela CNA.

A intenção é que esses créditos sejam

obtidos em eventos, desenvolvidos regionalmente e, também, por meio de educação a distância. Caso, em cinco anos, o médico não tenha acumulado a pontuação exigida, poderá ter de se submeter à prova para revalidação.

Essa medida foi elogiada em editorial do jornal Folha de São Paulo. Segundo a publicação, um médico que deixa de acompanhar de perto os avanços em sua área de atuação certamente não está oferecendo o melhor tratamento disponível a seu paciente.



## Os desafios da USP

Em seu último suplemento sobre ensino superior, recém-divulgado, o Times, um dos maiores jornais ingleses, pela primeira vez, incluiu uma universidade brasileira no ranking das 200 melhores do mundo. Trata-se da USP, que foi classificada no 196º lugar. Ao lado da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam), ela é uma das duas únicas instituições latino-americanas na lista. Apesar de pequenas variações com relação ao ranking de 2004, as Universidades americanas e européias continuam no topo da lista.

Entre as surpresas da lista de 2005, destacam-se 21 instituições situadas em Países, em desenvolvimento, na Ásia. Só da China há 10 universidades classificadas no ranking do Times. Há ainda 3 universidades da Coreia do Sul, 2 de Cingapura e 1 da Malásia, 1 de Taiwan e 1 da Tailândia. Já a Índia classificou três universidades, ficando o Instituto Indiano de Tecnologia com um notável 50º lugar.

Por isso, se a inclusão da USP nessa lista merece comemoração, o fato de o Brasil classificar só uma instituição exige reflexão. E ela se torna ainda mais imperiosa quando se sabe que a Unam se classificou num honroso 85º lugar.

Como no ranking do Times de 2004 ela estava no 195º lugar, isso significa um avanço de 100 posições em um ano. O que ela tem que a USP não dispõe?

## ATIVIDADE CIENTÍFICA

### Participação científica importante

O Estado brasileiro gasta R\$ 200 mil com um doutor, de acordo com a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Esse cálculo leva em conta que a maior parte dos doutores estudou em universidades estatais e recebeu bolsas financiadas com dinheiro público.

Segundo os dados mais recentes, de 2003, o Brasil bateu seu recorde de formação de doutores: 8.094 (em 1981, eram ape-

nas 551). No período, segundo o Institute for Scientific Information, o país triplicou sua participação na produção científica mundial. Em 1981, o Brasil respondia por 0,42% dos artigos publicados no mundo. Hoje, essa fatia é de 1,55%. As patentes brasileiras também aumentaram. No escritório dos EUA, o maior do mundo, os registros subiram de 53, em 1980, para 130, em 2003, fruto do trabalho dos 34 mil doutores em

atividade, no país, naquele ano. A Coreia do Sul, porém, país que cresceu economicamente após investir pesado em educação e tecnologia, pulou de 33 patentes, em 1980, para 3.944 em 2003. Essa disparidade é preocupante: cada nova patente significa não apenas que a empresa que a registrou não precisará comprar aquela tecnologia como também que ela poderá vendê-la a empresas de outros países.

## A VII Conferência Nacional da ABR

No dia 21 de Outubro de 2005, durante a Jornada de Reumatologia do Cone Sul, realizada em Gramado, reuniram-se os Acadêmicos, em Conferência Nacional, dando início a um processo de renovação, que havia começado na VII Conferência Nacional, realizada em Maceió.

A atividade cultural, dentro da Reumatologia, foi um processo iniciado por Fernando Neubarth, diretor do Boletim da SBR, por 10 anos, que é poeta, com livros e contos premiados. Como preceptor de Reumatologia, chegou à presidência da Sociedade de Reumatologia do Rio Grande do Sul e foi eleito como próximo presidente da SBR. Foi o presidente dessa Jornada e na Conferência de abertura mostrou, aos 400 colegas presentes ao evento, que um Congresso Científico pode começar a incluir poesia, música, amizade e lembranças infantis. Numa outra ocasião, em Dezembro de 1999, inaugurando um Congresso semelhante, na mesma cidade, escreveu um livro poema que vai comentado na última página. Dessa vez chamou seu amigo Celso Gutfreind, psiquiatra infantil, também poeta, que contou uma série de casos, em que mostra a sua técnica de contar histórias inventadas para tratar crianças com carências afetivas. A história ajuda a criança a simbolizar. A moderna psiquiatria in-

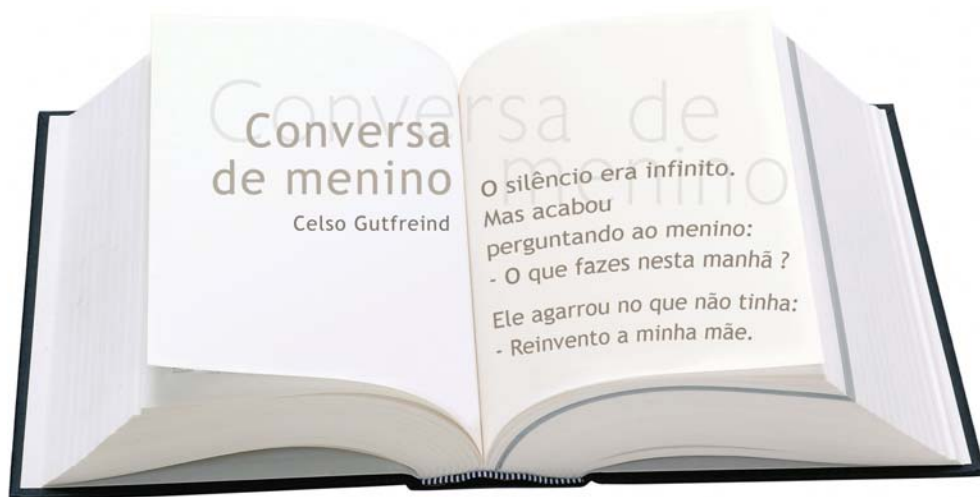
fantil francesa considera a simbolização como a grande saída da doença mental. Comentei com meu vizinho de lado, será que essas simbologias culturais não estão dando uma paz maior entre os grandes professores dos grandes centros reumatológicos brasileiros? Antes haviam tantos antagonismos evidentes e subentendidos.

Com um serrote desses simples, utilizados para cortar madeira e com o auxílio de um arco de violino, 3 artistas e uma cantora, regidos pelo maestro Antônio Frizon, im-

pressionaram a platéia, com um som que lembrava um violoncelo ou uma viola, tocando música clássica e do cancionário gaúcho. Seguiu-se uma festiva confraternização.

---

*Celso Gutfreind nasceu em Porto Alegre, em 1963. Tem 17 livros publicados entre poemas, infantis e ensaios. Além de escritor, é médico, pós-doutor em psiquiatria da infância e da adolescência pela Universidade de Paris e professor de psiquiatria na Universidade Luterana do Brasil e Fundação Universitária Mário Martins.*



## Exame da Ordem Médica Nacional

Existe uma grande quantidade de queixas sobre o ensino médico, no Brasil, principalmente em relação às Faculdades de Medicina, que têm uma avaliação muito baixa, mas, mesmo assim, o Governo continua abrindo mais Faculdades de Medicina. Os advogados tinham problema semelhante e a OAB instituiu o Exame da Ordem. Com este exame uma pessoa pode se formar na melhor ou na pior Faculdade de Direito do Brasil, ou seja, obtêm o título, mas só poderá exercer a profissão depois de passar nesse exame.

O Conselho Regional de Medicina, do Estado de São Paulo fez, no final de 2005, um exame da Ordem experimental, não obrigatório. Dos 2.197 estudantes aptos a fazer o exame, em todo o Estado, 1.003 participaram. Entre a maioria dos estudantes, do último ano de medicina e recém-formados, que

fizeram a avaliação, 68,3% foram aprovados e deverão agora fazer um teste prático.

Os 1.003 estudantes, no entanto, representam menos da metade do total de alunos do 6º ano, no Estado, o que indica que a adesão à prova não foi expressiva. Todas as universidades e faculdades que já têm alunos no sexto ano tiveram inscritos na prova. A maior adesão, nas inscrições, foi de alunos da Santa Casa de São Paulo (90,1%), e a menor, da Faculdade de Medicina de Marília (2,5%).

Das escolas com as piores notas no último exame de alunos do Governo, apenas 16% dos estudantes do 6º ano fizeram inscrição no exame, contra 53% das faculdades com a melhor nota. O exame ainda não é pré-requisito para a obtenção de registro de médico.

Segundo o Cremesp, nos últimos dez

anos o número de denúncias de pacientes contra profissionais cresceu 130%.

O número de médicos, no entanto, cresceu apenas 40%, nesse mesmo período. Hoje há 87.231 profissionais em todo Estado.

O órgão já tem estudos que indicam que as faculdades com as piores notas no último exame de alunos do Governo têm uma taxa maior de denúncias contra seus médicos. Cinco das 23 escolas avaliadas não tiveram nem 50% de aprovação.

Para ser aprovado, o estudante precisa acertar 60% das questões. As maiores aprovações foram dos tradicionais cursos da USP (93,4% de aprovação), da Unifesp (91,3%) e da Unicamp (86,9%). A Unesp teve 58,3% e a PUC-SP, 57,7% de aprovados.

Os resultados do Cremesp não impedem as faculdades que não tiveram bons resultados de continuar funcionando normalmente.

## Médicos ganham mais... e trabalham mais

A medicina não é mais a carreira campeã de procura nos vestibulares, mas, ainda é a que melhor retorno pode trazer. Uma pesquisa inédita sobre o impacto da educação no mercado de trabalho, realizada por Marcelo Néri, da FGV-RJ, ratifica essa percepção. O estudo revelou que, entre todas as formações acadêmicas, a que resulta em

melhor remuneração é a do pós-graduado em administração. O salário médio dos MBAs é de 5.210 reais. Quando, porém, a pesquisa combina remuneração e empregabilidade, os líderes são os médicos com doutorado: 93% deles estão empregados e ganham em média 5.901 reais mensais.

Também são os médicos os maiores

workaholics entre os graduados. A turma de branco trabalha em média 52 horas por semana, segundo o estudo. Na ponta oposta, a carreira que recebe os menores salários é a de teólogo. Pagam-se em média 1.183 ao profissional da área. A extensa pesquisa foi apresentada no mês de novembro de 2005, num seminário da FGV, no Rio de Janeiro.

## Mulheres Cientistas

Lawrence Summers, Professor da Universidade de Harvard afirmou que existem poucas mulheres cientistas porque elas têm uma deficiência cognitiva científica inata. No mundo inteiro existe uma quantidade reduzida de mulheres que se dedica à ciência, matemática, física e medicina. Basta ver o número de mulheres que ganharam o prêmio Nobel.

No Brasil, na Academia Brasileira de Ciências que tem 353 titulares, somente 7,3% são mulheres. Na área biomédica a proporção é menor ainda – 93 homens para 10 mulheres. Essa declaração do Professor Americano trouxe uma polêmica enorme em todo o mundo, mas, a verdade é que existem poucas pesquisadoras mulheres.

A bióloga Jacqueline Leta, co-autora do livro “Perfil da Ciência Brasileira” e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na área de bioquímica médica com pós-doutorado na Universidade de Leuven, na Bélgica, defende que a pequena quantidade de pesquisadoras ocorre porque elas sofrem discriminações.

No Brasil, a principal dificuldade diz respei-

to à manutenção das bolsas de produtividade do CNPq que estão relacionadas à produção científica do pesquisador. Uma cientista grávida corre sérios riscos de perder a bolsa, pois, sua produtividade será afetada pelos meses que precisará se ausentar. A avaliação dos critérios desse órgão público não considera a diversidade de papéis sociais, homens e mulheres, e às vezes, o fato de que poucas são mães.

O CNPq tem 202 assessores, sendo que 47 são mulheres. Em vários comitês a desproporção é maior, por exemplo, na área de bioquímica médica, os processos são julgados por 24 assessores, sendo que são apenas 2 mulheres. Esse tema, apresentado em várias reuniões, foi excluído da pauta de debates. Para essa autora o que existe é a dificuldade de se obter modelos de cientistas mulheres que façam, simultaneamente, carreira científica e mantenham famílias. Hoje, com a supervalorização da estética, 9 entre 10 meninas querem ser modelos, apresentadoras de TV e artistas. Isto não ocorre só no Brasil. Em todos os países, inclusive, nos EUA, a carreira científica não é um atrativo para as meninas, quando estão



decidindo o futuro. Por isso não precisam ser evocadas bases biológicas para explicar a enorme diferença quantitativa entre os 2 sexos.

Sabe-se que o homem tem um cromossomo a mais que as mulheres e nunca os dois sexos vão ser iguais, mas, periodicamente, a mídia insiste em dizer que a mulher tem muito menos quantidade de neurônios que o homem. Hoje, sabe-se que não interessa o número de neurônios e sim as conexões que eles fazem.

## O fim da pobreza

Jeffrey Sachs

Jeffrey Sachs foi considerado, pela revista Time, uma das cem pessoas mais influentes do mundo. Ele é famoso pelo plano que acabou com a hiperinflação na Bolívia e por sua assessoria na liberalização econômica radical da Polônia e da Rússia. Mas, cada vez mais ele vem se envolvendo na solução de um problema que ainda assombra grande parte da humanidade: a miséria e suas sequelas sociais. Sachs visitou mais de cem países e conviveu com todos os graus de pobreza, especialmente, a miséria extrema das aldeias africanas assoladas pela fome, pela malária e pela AIDS.

Unindo a narração de histórias emocionantes (passadas principalmente na Bolívia, Polônia, Rússia, Índia, China e África) com análise rigorosa, Sachs explica como, nos últimos duzentos anos, a riqueza se

tornou desigual no planeta e expõe os motivos que impedem as nações mais pobres de melhorar sua sorte. Ele também ensina a fazer um diagnóstico detalhado dos desafios econômicos a serem enfrentados por um país e a descobrir as possíveis saídas, propondo soluções a curto prazo. Ao mesmo tempo, dirige dura crítica aos países ricos – em especial aos Estados Unidos, e aos organismos financeiros internacionais.

*Jeffrey D. Sachs é um dos economistas mais conceituados da atualidade que examinou dois séculos de pobreza ao redor do globo e apresentou uma proposta para erradicar a miséria até 2005. É diretor do Instituto da Terra da Universidade Columbia e assessor especial do secretário-geral da ONU - Kofi Annan, para as Metas de Desenvolvimento do Milênio.*

## O pé e sua evolução

O Prof. Dr. Acadêmico Wilson Lapa escolheu o pé como especialização de seus estudos como reumatologista. Ele é conhecido dos leitores do Boletim da SBR, pelos seus artigos curtos, satíricos, mas, em Gramado, disse de início, que leu muito sobre o tema e queria compartilhar com os presentes algumas descobertas.

O pé identifica o Homo sapiens e é o órgão que o diferencia dos outros animais. Mas, na evolução da espécie, o pé já foi mão, antes do homem chegar à posição bípede. Essa é a razão que tem grande sensibilidade. No mapa de Broca, de localização da sensibilidade tátil, superficial, localizada na massa cinzenta cerebral, os pés, mãos e lábios têm grande sensibilidade. Numa série de slides foi possível ver o pé em garra, do tipo “mão” evoluir para a sua anatomia atual na espécie humana. O homem deixou de andar em árvores e teve que se adaptar para andar de sapatos e na moda.

Foram os egípcios que começaram a dar importância aos pés.

Na arte egípcia, a representação por inteiro da figura humana organizava-se segundo a chamada “regra de proporção”, um rígido quadriculado, com dezoito unidades de igual tamanho, que garantia a repetição acurada da forma ideal egípcia em quaisquer escalas e posições. Era um sistema a prova de erro, que estabelecia as distâncias exatas entre as partes do corpo. O sistema era baseado no comprimento exato da distância entre os pés (ambos mostrados da face interna) nas figuras que estivessem de pé e imóveis.

Entre os incontáveis fatos curiosos que envolvem os pés femininos, destaca-se o hábito cultivado na China de modelar os pés para que assumissem o formato da flor-de-lis. Os “lírios dourados” ou “san tsun gin lian”, obtidos às custas de dolorosas massagens, seguidas pelo enfaixamento repetido e consecutivo dos pés das meninas, revestem-se de encanto e magia, já que misturam um inquestionável conceito de beleza com posicionamento social e um estranho atrativo sexual.

Apesar disso, nas regiões mais remotas das montanhas da China, as mulheres continuaram a ter seus pés modelados até 1949, quando se instalou a Nova China. A modelagem dos pés era a tentativa de controlar que os pés crescessem somente até 10cm, ao mesmo tempo em que se procurava mudar sua forma, segundo o modelo de cálice de um lírio. Em busca dessa “perfeição”, as mães de crianças de 5 ou 6 anos de idade iniciavam o enfaixamento compressivo de seus pés, fletindo fortemente os pequenos dedos em direção à

planta, ao mesmo tempo em que todo o antepé era comprimido em direção ao calcanhar.

A cada sessão, as faixas de tecido eram apertadas, intensificando a modelagem e o sofrimento obtidos na sessão anterior. Com o passar dos tempos, os artelhos laterais transformavam-se em pequenas estruturas ovóides, incrustadas nas plantas dos pés, onde surgiam, frequentemente, úlceras fétidas que vertiam pus e sangue.

O hálux era mantido em sua posição original, funcionando como verdadeiro talo para o cálice floral que se formava.

A prega surgida na planta do pé pela aproximação do antepé ao calcanhar tornava-se cada vez mais profunda, ao mesmo tempo em que o dorso do pé exibia, cada vez mais, uma corcova pronunciada.

Na acupuntura os pés têm uma importância maior do que as mãos na localização dos pontos energéticos, e o mesmo ocorre em outra técnica alternativa que se chama de reflexologia. Dizem que com o estímulo das agulhas ou massageando as terminações nervosas que existem nas plantas nos pés, pode-se chegar a estimular vários órgãos internos. Faltam evidências clínicas.

Ao final, como bom gaúcho, escolheu uma música do folclore de sua terra, que é a sua



favorita, e que fala de “querência”. Trata-se de um regionalismo gaúcho, que no seu entender, significa um bem querer, mas, o dicionário de Houaiss diz que significa local onde se nasceu, criou ou se acostumou a viver; pátria, rincão, ou então, “ponto de reunião habitual dos colegas de uma roda social”. Vai ver que é tudo isso junto, e que o homenageado agradecido, queria homenagear a todos os acadêmicos. Todos o aplaudiram de pé.

## DOENÇA E A PESSOA

### A relação médico-paciente na perspectiva da lógica

Auro del Giglio

A teoria do filósofo existencialista, judeu, alemão, Martim Buber (1878-1965), pode ser usada para explicar a relação médico-paciente.

Ele propôs dividir essa relação em Eu – Isso e Eu – Tu.

A relação Eu – Isso é a relação do Eu que envolve a relação com a parte do outro, mas, não a sua totalidade, como por exemplo, a relação do médico com o tumor, a fratura, o lúpus do doente.

A relação Eu – Tu consiste no relacionamento pleno de dois seres humanos incluindo seus sentimentos e idéias.

A relação médico-paciente plena envolve o relacionamento da pessoa que cura com o ser que sofre.

Esse relacionamento Eu–Tu, como coloca o psiquiatra inglês Michael Balint, faz o médico atuar como um medicamento. A prescrição do médico de si mesmo ao paciente é um benefício terapêutico.

Mas, Buber adverte: “o nosso destino é que cada “Tu”, em nosso mundo, torne-se, irremediavelmente, um “Isso”.

Auro del Giglio é livre docente de oncologia clínica da Faculdade de Medicina da USP e autor do livro “Medicina, Judaísmo e Humanismo – São Paulo, Ed. Sefer, 2004.

## Uma crônica de Natal

*Fernando Neubarth*

**E**m Dezembro de 1999, inaugurando o Congresso Internacional de Reumatologia do Cone Sul, e no cinquentenário da SBR, na cidade de Gramado, Fernando Neubarth escreveu um livro poema chamado “Memória das Luzes”. Moacir Scliar, no prefácio, diz que o autor, mergulhou na História, não como um erudito pesquisador, mas, como um ficcionista, factual, e como tudo é narrado na primeira pessoa, já de imediato, nos torna cúmplice dessa aventura que é um presente de Natal. Esse é um resumo:

“Eu estive lá, quando os magos, descendentes de hebreus no exílio, chegaram a Jerusalém, causando perturbação ao povo e ao rei. Os homens da terra nada sabiam de astros, mas, ansiavam por um novo líder cansados daquele tirano. Eu estive lá, e soube, como os demais, quando os escribas descobriram, em textos antigos, que o Messias nasceria em Beit-Lahan, Belém. E vi quando o rei mandou matar as crianças.

Eu estive lá, acompanhado dos pastores, quando o menino nasceu, naquela noite estranha, iluminada pelo brilho novo da estrela, e estive lá dias depois quando os magos chegaram trazendo oferendas. Símbolos

de sua alquimia: ouro da realeza, incenso da divindade, mirra pra lembrar a morte, destino daquele que nasceu.

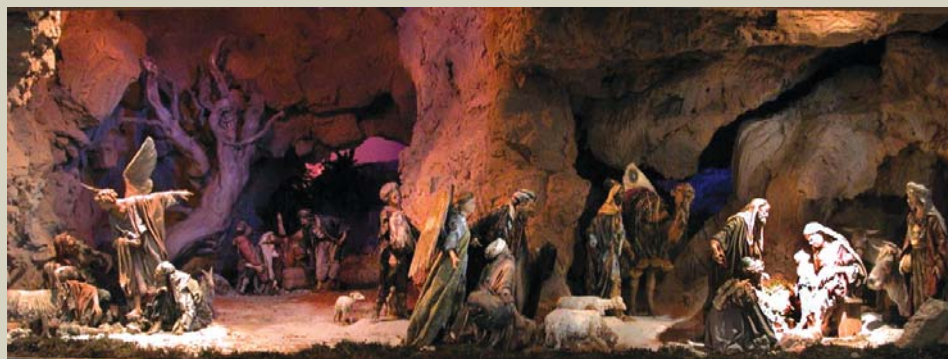
Eu estive na Itália, quando São Francisco de Assis fez a vaca e um burro participarem numa espécie de peça teatral do nascimento de Cristo, criando o primeiro presépio. Mas, o que talvez, mais tenha me impressionado é que eu estive lá, na minha própria infância e ajudei a desembrulhar os enfeites e as figuras do presépio. E quando a noite finalmente chegou, meus olhos ansiosos maravilharam-se com as luzes do majestoso pinheiro. A árvore de Natal é a árvore do

mundo e é, também um símbolo de transformação, um símbolo do processo de auto-realização. O adepto, o xamã, deve subir na árvore mágica, a árvore do conhecimento, para atingir o plano superior, a posse de sua personalidade espiritual, sua individuação.

Eu estive lá, no reflexo das luzes, e me senti não apenas alguém que, nutrido e embevecido pela beleza das tradições, sorri. Mas, alguém que, agora, sabe do elo dessa corrente que se chama humanidade.

Amanhã, eu e nós, nos podemos dizer: estivemos lá.

Sim, estivemos lá”.



## CONTRA PONTO

### Presença do ateísmo

*João Pereira Coutinho*

**A** história do ateísmo aparece marcada por dois fatos centrais: a queda da Bastilha, em 1789, e a queda do Muro de Berlim, em 1989. Em 1789, o ateísmo nascia como possibilidade. Em 1989, era enterrado como alternativa.

O ateu, na versão moderna, é aquele que nega Deus. Mas, é um erro pensar que os revolucionários, de 1789, eram todos “ateus”. Na verdade, todos negavam a autoridade da igreja, entidade obscurantista e autoritária que contribuía para a infelicidade dos homens. Assim, o ateísmo nasceu como movimento na crítica feroz à institui-

ção religiosa. E, com ele, nasceu a figura do intelectual, que apontava o caminho da salvação terrena pelo exercício exclusivo da Razão. O intelectual diz: Deus é uma criação humana. Inventamos Deus porque somos medrosos, mortais e precisamos de um Pai ou um ópio.

Deus não existe porque não existe prova “científica” da sua existência. Sem Deus, restamos nós. Esta é a história da modernidade e dos seus tristes excessos; Ironia: contra a intolerância e a violência da Igreja e de Deus, a intolerância e a violência da ideologia e dos homens.

O regresso de uma certa espiritualidade, no século 21, não significa um regresso à fé perdida de nossos antepassados, pois, a queda das torres gêmeas, em Nova York, lembrou como o fanatismo religioso pode negar as almas para sacrificar os corpos. Mas, por outro lado, o passado ensina que a única forma de haver futuro é evitar que Deus e os homens se destruam numa dança macabra. Meu ceticismo é uma forma de salvação.

*João Pereira Coutinho é colunista do jornal português “Expresso”.*